

Quando os estudantes dialogam sobre a arte contemporânea

Marta Ornelas

CIEBA - Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes, Faculdade de Belas-Artes,
Universidade de Lisboa

RESUMO

No âmbito de uma investigação académica sobre a relação entre os jovens e a arte contemporânea, foram realizados quatro estudos de caso que envolveram visitas escolares a museus desta temática. A investigação contou com entrevistas grupais como instrumentos para encontrar a perceção que os jovens têm da arte contemporânea e qual a sua relação com a mesma. O presente texto mostra um conjunto de diálogos recolhidos durante as entrevistas grupais realizadas. Como resultado para a investigação, estas entrevistas contribuíram para compreender que os processos de aprendizagem sobre arte contemporânea estão relacionados, quer com as expectativas dos estudantes, quer com o modo como cada sujeito encara os conceitos de conhecimento, ensino e aprendizagem, quer ainda com o lugar em que os estudantes são colocados na relação entre a escola e o museu.

Palavras-chave: arte contemporânea, entrevista grupal, diálogo, relação escola-museu, estudantes, Educação Visual

INTRODUÇÃO

A investigação académica que deu origem a este texto teve como preocupação principal compreender como se relacionam escolas e museus, no âmbito da disciplina de Educação Visual do 3o ciclo. Assim, a investigação desenvolveu-se com jovens entre os 12 e os 15 anos de idade residentes na zona da Grande Lisboa e que realizaram uma visita a um museu de arte contemporânea em contexto de escolar com as suas professoras de Educação Visual. Os museus implicados nestes estudos de caso foram o Museu Coleção Berardo – Arte Moderna e Contemporânea, o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e a Casa das Histórias Paula Rego.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

É importante considerar diversas perspetivas que permitem uma melhor compreensão da educação artística, pois é essa compreensão que permite fazer escolhas sobre a forma de abordar a arte no campo educativo. Ao considerar que diferentes formas de abordar a arte têm consequências diferentes nos alunos (Aguirre, 2005; Hernández-Hernández, 2012), assumimos um posicionamento consciente. No contexto pós-moderno, que desmonta o mito da verdade universal e absoluta, assumindo que o que é verdadeiro ou falso depende de nós (Ibáñez, 2001), esta investigação foi concretizada através de uma abordagem qualitativa, no intuito de compreender realidades específicas, atribuindo importância às narrativas pessoais, desde uma perspetiva subjetiva que encontra fundamento no construcionismo social. Assumir a realidade como uma construção social é também assumir que os museus são instituições criadas de acordo com propósitos estabelecidos socialmente e que funcionam segundo convenções sociais que defendem interesses particulares (Duncan, 2004). A museologia crítica foi uma das perspetivas utilizadas, funcionando como um campo de estudo que examina imaginários, narrativas e discursos, bem como as suas articulações e integrações com diversas estruturas organizacionais, que levam a cabo produções culturais e artísticas articuladas (Shelton, 2011).

A pedagogia crítica foi outras das perspetivas levadas em conta, pressupondo abordagens diferentes consoante os autores e autoras que utilizam este conceito. Uma das metas fundamentais da pedagogia crítica é ensinar os estudantes a crer que a democracia é conveniente e possível (Giroux, 2008), assim como todas as contradições derivadas da raça, da classe social, das tendências sexuais ou do género, que existem dentro da sociedade (Steinberg, 2008). Por outro lado, a pedagogia dialógica também foi abordada, tendo como objectivo envolver os estudantes a participar, explorando a multivocalidade (Dyshte, Bernhardt e Esbjörn, 2013).

As visitas a museus de arte contemporânea constituem uma prática comum utilizada pelas professoras,

com objetivos diversos, sendo que o mais comum é o de criar uma relação entre um conteúdo específico do currículo e o tema do museu que se visita (Huerta, 2011; Oliveira, 2010), sem necessariamente implicar os estudantes no desenvolvimento de projetos que lhes interessem (Acaso, 2013). Considerando as necessidades das escolas e dos museus, é relevante o interesse de ambas as instituições nas visitas escolares. Por esta razão, a relação entre escolas e museus seria supostamente empática e interessada, embora alguns alunos definam os museus como lugares agradáveis e outros como lugares aborrecidos (Oliveira, 2009; Triggs e Wishart, 2010). Tal sucede também porque os museus se constituíram como uma das formas de legitimação da História e existe a necessidade de desconstrução desta legitimação (Shelton, 2011) através da participação individual. Há registo de alguns modelos de exposições que podem ser adotados pelos museus e que compreendem uma maior pluralidade de discursos, permitindo que não-especialistas tenham voz ativa, com vista a uma efetiva participação social (Lorente, 2011).

METODOLOGIA

É no contexto acima descrito que surge a intenção de apresentar, no presente artigo, a voz dos estudantes que fizeram parte da investigação, através da sua participação em entrevistas grupais, um dos instrumentos do estudo de caso, ferramenta da Etnografia que permite o conhecimento do idiossincrásico, do particular e do único (Vásquez e Angulo, 2003). Os estudantes conversam sobre os museus que visitaram ou vão visitar no âmbito dos estudos de caso, interpelando-se uns aos outros e tecendo considerações sobre as obras de arte contemporânea que viram ou sobre a sua perspetiva em relação aos temas da arte e dos museus em geral. Apresentam-se em seguida excertos desses mesmos diálogos, levados a cabo em escolas do distrito de Lisboa. Cada turma elegeu um grupo de três ou quatro estudantes para participarem nas entrevistas. Cada entrevista foi dirigida a um grupo de cada vez. As entrevistas decorreram em formato semi-estruturado, o que levou a que nem todas as perguntas se repetissem em todos os grupos. No presente artigo, as respostas dos jovens estão agrupadas por temas de conversa e os seus nomes estão identificados de forma fictícia para preservar o seu anonimato. Afonso, Maria, Bruno e Sofia pertencem a uma turma de 9o ano de uma escola secundária em Lisboa. Arya, Rajón e Diana pertencem a uma turma de 9o ano de uma escola básica nos arredores de Lisboa. Tiago, Isabel, Inês e Melissa, a uma turma de 8o ano de uma escola secundária em Lisboa. E Pedro, Cláudia, Madalena e Leonor, a uma turma do 7o ano de um colégio privado nos arredores de Lisboa. É a voz destes jovens, em discurso direto, que se pretende aqui fazer representar.

DIÁLOGOS EM TORNO DOS MUSEUS, DA ARTE E DA PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E MUSEU

O que é um museu?

Diana: Um museu é um sítio onde há vários tipos de coisas, um sítio fechado, com quadros. Ou monumentos.

Arya: É um local público onde há fácil acessibilidade a toda a gente. Por exemplo em muitos museus ao domingo as pessoas podem ir sem pagar. Também acho que há museus exteriores, não sei bem se são museus, exposições ao ar livre.

Rajón: É um lugar onde se encontram várias obras ou coleções de algo, desde automóveis, carrinhos de brincar, sei lá, rolhas de garrafa... até de arte, é uma coisa muito universal.

Afonso: Um museu é algo que tem obras feitas por artistas.

Maria: É o local onde estão factos antigos e onde as pessoas podem vê-los. O que está nos museus é mais importante do que o que está na rua.

Bruno: Um museu é algo onde estão obras ou algo que as pessoas vão gostar de ver, de maneira a que as pessoas tentem tratar bem aquilo para outras poderem ver, porque na rua não vai durar tanto tempo como num museu.

Sofia: O objetivo é mostrar, dar a conhecer coisas e preservá-las. As obras de arte que estão na rua são mais fáceis de estragar. Nem sempre o que está nos museus é o mais importante. O que está no museu é o que as pessoas acham que é mais importante.

Cláudia: Um museu é onde as pessoas reúnem várias coisas de um certo tema que achem importante, ou de uma pessoa famosa que queira pôr as suas obras no museu para mostrar às pessoas e as pessoas aprenderem um bocado sobre o assunto.

Pedro: É um sítio onde nos tempos livres podemos ir para saber um bocadinho mais, sobre por exemplo pontos de vista

de outra pessoas, que ficaram registados para nós vermos.

Leonor: É um sítio onde nós vamos com a família e aproveitamos para passar um pouco dos nossos tempos livres onde acabamos por aprender sempre coisas novas, porque apesar de irmos a um museu e talvez já sabermos algo sobre esse tema, acabamos por aprender mais, conhecer pontos de vista de outras pessoas e outras ideias.

Madalena: Um museu é um local onde podemos ir visitar para saber mais sobre um assunto e onde podemos aprender às vezes de maneiras mais divertidas e interativas. Não podemos tocar, mas por exemplo se temos um ponto de vista, num museu podemos ter outro. Quando chegamos lá, podemos ver de outra maneira.

Isabel: Um museu é um sítio com coisas sobre um determinado tema que nos ajudam a aprofundar o conhecimento sobre essa área.

Inês: É um local onde se expõem coisas importantes, sobre arte, sobre história que são para a cultura geral.

Tiago: É um local onde se expõe pinturas ou objetos que aumentam a nossa cultura e fazem com que todos nós fiquemos um pouco mais cultos.

Melissa: Um museu é um bocado como uma caixa de brinquedos. Temos os brinquedos em si, por exemplo, os museus com comboios e com peças da antiguidade, e depois temos os quadros, como os desenhos, temos desenhos que guardamos para sempre, que são os que gostamos mais. Um museu é um bocadinho isso, onde guardamos aquilo de que mais gostamos. Acho muito bem deixar-se o quadro quietinho para não se estragar nada, só que acho que às vezes, por exemplo, quando chegamos a uma visita de estudo e nos dizem logo “não toquem em nada”, “não mexam em nada”, quase que “não respirem perto do quadro”... Vimos cá e quase que não podemos interagir com nada...

Tiago: São demasiadas regras. Por exemplo, estamos num museu e estamos

a ver um quadro e queremos comentar alguma coisa, mas mandam-nos logo calar.

Isabel: Pois é.

Inês: É verdade. E depois pedem para explicarmos a obra, nós explicamos e dizem-nos “ah, mas não é assim, eu vou explicar”. E manda calar.

Melissa: Pois, manda calar. É como os professores, nós tentamos interagir porque estamos a perceber, e queremos saber se estamos mesmo a perceber. Às vezes os professores têm uma reação, como os museus, que é do género “está lá caladinho que eu explico à minha maneira porque eu tenho um guião e pronto, se não for dentro do guião não dá”. E perde o interesse.

Isabel: Acontece muitas vezes, é como os professores, nós explicamos de uma forma e depois eles dizem que não e explicam eles exatamente a mesma coisa.

Como é que encaram o acompanhamento dado pelas pessoas que orientam as visitas?

Melissa: Eu gosto de visitar as coisas à minha maneira, mas eu também gosto de ter lá o guia. (...) Eu vejo um quadro e gosto de interpretá-lo, mas também gosto de saber quando é que foi pintado, onde, porquê...

Tiago: Uma coisa que eu não gosto nos guias é, nós gostamos de um quadro, eles explicam e nós temos de ir embora, e nós queríamos ficar mais tempo a ver o quadro. Depois chegamos a outro quadro, ficamos lá imenso tempo e não gostamos desse quadro.

Inês: Uma vez fomos a um museu e fizemos grupinhos. Quem gostasse daquele quadro ficava lá, quem não gostava podia seguir. No final encontramos-nos todos. Uma razão porque eu não gosto de ter guias é porque eu gosto de interpretar à minha maneira. Se tiver alguma dúvida vou ver o guião que lá está e confirmo.

Melissa: É como se tivéssemos que ver tudo da mesma maneira. Explicam e esperam que nós percebamos que é assim e que o quadro foi pintado assim...

Tiago: Às vezes a sensibilidade do guia não é a mesma que a nossa. Por exemplo, o áudio-guia é prático, porque escolhemos

o que queremos ver, mas se nós fizermos uma pergunta sobre um quadro, o áudio-guia não responde. A não ser que tenha um atendimento personalizado [risos].

Isabel: Mas uma coisa é estar a explicar-nos as partes históricas, os factos, outra coisa é estar a dar-nos uma forma de ver. Mas nós podemos não concordar.

Tiago: E se nós dizemos “ah, não, não, mas eu acho que...”, “Cala-te!” [risos].

Isabel: Já fui a museus em que adorei os guias e já fui a museus em que detestei, mas fomos a um museu no ano passado, sobre ciência, e o guia passou o tempo todo a mandar-nos calar e a refilar connosco. E nós dizíamos uma coisa e ele zangava-se connosco. Porque a turma anterior tinha-se portado muito mal e, como tal, ele tinha ficado com o estereótipo da nossa escola como se fôssemos mal comportados. Nós estávamos interessados em saber coisas, mas como ele tinha aquela ideia não nos deixava.

Tiago: Pois, foi muito chato.

Conhecem as regras dos museus?

Maria: Nos museus não se deve falar alto nem atender o telefone. E falar ordeiramente. Tirar apontamentos, é o que os stôres dizem.

Afonso: Não se deve mexer nas coisas para não estragar. E prestar atenção ao guia.

Bruno: Não se deve correr.

Os museus têm regras?

Cláudia: Todos os museus têm regras. Não se pode mexer, tirar fotografias com flash...

Madalena: Se calhar não se pode falar.

Pedro: Falar, pode, não se pode gritar, acho eu.

Madalena: Eu acho que é um sítio onde as pessoas têm que estar com alguma atenção.

Leonor: E não vamos ser só nós no museu, vão estar lá mais pessoas que provavelmente não vão gostar de ser incomodadas.

Cláudia: Se calhar existem lá algumas obras que podemos interagir com elas.

Pedro: Sim, a stôra já nos disse uma, acho eu.

Leonor: Só o facto de podermos visualizá-las e estarmos mesmo a ver já é muito bom.

Há pouco falaram de obras de arte que estejam na rua. Podem dar um exemplo ?

Bruno: Desenhos na relva. Fazer um desenho na relva dá muito mais trabalho do que pôr um quadro num museu. Como o Picasso, fez assim um ponto num quadro e vale... Acho que isso não é arte.

Sofia: Mas isso é porque ele é conhecido, não tem nada a ver.

Maria: Isso não é arte porque qualquer pessoa faz.

Afonso: Há pessoas que só porque são conhecidas fazem um rabisco e vale 10 mil euros.

Sofia: Isso acontece porque o talento delas foi reconhecido.

Bruno: Talento... Um ponto? É só por causa da assinatura.

Maria: Ele pode ter feito outras pinturas que lhe deram valor e agora tudo o que ele faça tem mais valor ainda.

Afonso: E há pessoas que colecionam tudo de uma só pessoa.

Há algum museu de que tenham gostado especialmente?

Afonso: Gosto do Pavilhão do Conhecimento, porque é interativo.
Bruno: Também gosto, porque aquilo interage connosco.

Maria: Sim, é uma maneira divertida de nós descobrirmos as coisas. Para mim é mais interessante do que um museu de arte.

Afonso: Eu prefiro museus de ciências a museus de artes. Eu não gosto de praticar artes. E apreciar, depende, só gosto de pinturas e algumas esculturas. Prefiro pintura mais abstrata.

Maria: Eu também. São coisas que não têm sentido. E coloridas.

Bruno: Eu também, cada pessoa imagina o que mais gosta. Eu gosto de pinturas, esculturas e cores quentes. Também gosto

de museus de carros antigos. O Museu dos Coches, também acho piada.

Gostam de museus de arte?

Isabel: Eu gosto de museus de arte, mas gosto muito mais de museus históricos, por exemplo, adoro aquela parte dos egípcios. Aqueles quadros mais modernos que são só figuras geométricas não acho tão interessantes. Mesmo aqueles quadros históricos mais antigos, eu acho mais interessantes do que os mais recentes.

Inês: Gosto de ir a museus e ver arte. E arte há muita, por isso depende.

Tiago: Fui à Gulbenkian ver uma exposição de naturezas mortas. E estavam lá quadros de muitas pessoas conhecidas internacionalmente. E eu gostei mais de ir ver essa exposição do que ir ao Museu Berardo, que já fui lá milhares de vezes. Saber que vou ver um dos quadros dos pintores mais famosos, começo a pensar “onde é que ele arranjou inspiração para fazer isto?” e imagino-o sentado, a pintar e a olhar para algum sítio. No Berardo não consigo, acho que é “ah, vou fazer um quadro para ganhar milhões”. Há pintores que seguem as regras do dono do museu. Um pintor quer expor e tem a sua própria sensibilidade e os donos do museu dizem “não, não, não, tu vais fazer assim porque eu quero”.

Inês: E isso já não mostra realmente aquilo que a pessoa é. Isso é dirigir. É como aqui na escola. Não manifestamos aquilo que realmente nós somos.

O que são museus de arte?

Madalena: Só fui uma vez a um museu de arte, era muito pequenina. Nos museus estão expostas pinturas, esculturas de artistas conhecidos ou não conhecidos. Podem ser pinturas abstratas, consegue-se ver diferentes perspetivas. Quando é mais realista tem mais a ver com o dia a dia, com o que nós fazemos todos os dias.

Cláudia: Nos museus de arte há artistas e não-artistas. Não é preciso ser artista para fazer uma obra de arte. Quero dizer, há artistas que são conhecidos e outros que não são conhecidos.

Leonor: Se faz uma obra, acaba por ser um artista, apesar de muitos deles não terem o reconhecimento merecido.

Pedro: Um museu de arte é onde os pintores e artistas e outras pessoas expõem as suas obras e algumas das coisas que fazem para outras pessoas verem.

Leonor: Acho que arte não é só arte, cada pintura ou escultura é mais do que arte, também conta a sua própria história. Se formos só a ver os museus de arte, as pessoas acabam por expor um pouco da sua vida, um pouco da sua história, um pouco da história do tempo em que eles viveram, um pouco dos seus desejos, e assim todos ficam a saber o que essas pessoas pensavam, porque a arte é uma forma de nos exprimirmos, não é só fazermos um desenho ou uma pintura de algo que não nos diz muito. Cada pessoa tem a sua perceção de cada quadro. Claro que há pessoas que têm mais à vontade neste tema do que outras. Há pessoas que podem interpretar uma flor como uma simples flor e outras que podem ir além disso, as pessoas que são especializadas nessa área. Há pessoas mais sensíveis que conseguem perceber de outras maneiras aquilo que está representado na arte. Toda a gente compreende à sua maneira, mas acho que há pessoas que têm mais sensibilidade do que outras para certas imagens, certas obras. Cada obra choca cada um de maneiras diferentes. Posso estar perante dois quadros e um deles transmitir-me mais do que outro.

Já foram a museus de arte?

Rajón: Eu felizmente já fui a bastantes museus, até fora do país. Em geral eu gosto, mas alguns podem ser mais chatos. Um museu só de quadros do mesmo artista, se calhar não vou achar tanta graça. Tenho consideração, mas o melhor museu que já visitei foi o museu do automóvel.

Arya: Uma vez fui a um museu no Algarve e havia duas exposições. A primeira era de arte e havia coisas que eu não percebia. Depois estive a falar com a minha mãe e acabei por compreender. Mas mesmo que não perceba, gosto de ver. Se não tivermos ninguém a explicar se calhar não chegamos lá. Eu sempre gostei de ver coisas novas e coisas que nunca vi e, de uma certa forma, o museu acaba por ser

isso. Eu não fui muitas vezes, vou mais em visitas de estudo, ou quando estou de férias e vou para outro sítio, e sempre que vou normalmente gosto muito de ver. Posso não perceber nada, mas não consigo deixar de gostar. Quando era mais pequena gostava mais do museu do brinquedo, agora já prefiro museus que tenham pintura, escultura e muita história.

Rajón: Experimentar num museu de arte é que é muito bom. Mas quando aparece aquela legenda a dizer “Não toques”, obriga-me a não tocar.

Arya: Quando fui ao Palácio da Pena, queria tocar nos lençóis e não podia. Mas quando ninguém estava a ver, toquei e... ah! Senti uma felicidade extrema.

Sofia: Nas férias fui ao Museu de Arte Antiga e gostei. Tem lá coisas que não me interessam muito, como mesas e pratos. Gostei mais dos quadros.

Maria: Eu só vou a museus com a escola e quando vou a outros países com os meus pais, não me lembro de nenhum museu agora, mas quando vamos visitamos sempre.

Afonso: Também costumo ir visitar as partes históricas. Lembro-me do que vi na Holanda, é arte mas não está num museu. Um edifício de cubos, acho que é em Roterdão. Cá, só com a escola.

Bruno: Eu não gosto de ir a museus. Vou com a escola, mas gosto mais de andar em zonas históricas.

Maria: É mais agradável andar ao ar livre do que dentro dos museus.

Os museus dizem que têm alguma dificuldade em atrair os jovens. Acham que isto é porquê?

Maria: Sobre a palavra museu, as pessoas normalmente têm aquela ideia “eh, granda seca, vais ver coisas antigas, não te interessa”.

Sofia: Se calhar se disserem arte as pessoas ficam com outra ideia.

Afonso: Os jovens hoje têm outros interesses. Os jovens agora não se interessam por isso como se calhar os meus pais.

Bruno: Os jovens têm o horário muito apertado. Pode até não ser mas eles acham que têm coisas mais importantes para fazer.

Maria: Temos prioridades, estar no computador, ir ter com um amigo...

Afonso: No verão, prefiro ir passar um dia à praia do que um dia num museu. No inverno, prefiro ficar em casa.

Maria: Acho que a escola devia incentivar mais o ir ao museu.

Afonso: Os museus não são divulgados. Na televisão, no intervalo do telejornal, quando as pessoas estão a jantar, se aparecer um anúncio sobre um museu, as pessoas estão a ver e ganham mais interesse.

Sofia: É como os concertos, nós sabemos porque aparece na televisão.

Afonso: Mesmo no telejornal, normalmente tudo o que é sobre arte aparece em rodapé.

Pedro: Há museus que não têm atividades muito apelativas. Apelativo podia ser qualquer coisa, por exemplo um jogo.

Cláudia: Quando fui a Itália, num museu, vi um jogo que era tentar adivinhar o título das obras de arte. Tinha piada porque nós também não percebíamos muito daquilo que estavam a dizer [risos].

Leonor: Se houvesse talvez atividades mais lúdicas para os jovens... Primeiro, acho que devia haver mais publicidade dos museus, porque é a publicidade, fundamentalmente, que atrai os visitantes. Depois, fazer um plano para jovens e um plano para adultos e idosos, porque a exposição vai acabar por ser a mesma, mas a atitude dos guias connosco, as atividades que vamos fazendo serem mais lúdicas e ao fim e ao cabo continuarmos a perceber o que é que estamos ali a ver e ao mesmo tempo divertirmo-nos mais. Também depende um pouco dos profissionais que lá trabalham e de forma como a exposição está montada. Uma exposição mesmo que seja só de quadros, há umas mais apelativas que outras, não só pelas obras mas também pela forma como está decorado o museu, porque se estivermos num sítio muito monótono acabamos por sentir-nos mais aborrecidos

e não desfrutamos tanto do museu. Se os guias, por exemplo, nos fizerem sentir mais à vontade, se nos fizerem perguntas, nem precisamos de fazer jogos, basta que eles também sejam mais brincalhões e que nos levem a aprender de uma forma mais divertida, que acaba por ser mais apelativo.

Madalena: Houve uma pessoa que me contou que noutra país as crianças de 3 ou 4 anos iam aos museus e ficavam sentadas à frente das obras a observar e havia sempre alguém a perguntar “então o que é que vocês estão a ver?” e eles respondiam. Quando estava mal, ele explicava “não, o artista quis explicar que...” depois explicava o que a obra quer dizer. Eu acho que em Portugal não há nada desse tipo e acho que deviam investir nisso. Mas isto também tem um bocado a ver como é que os museus ganham dinheiro. Por exemplo, na maior parte dos museus temos que pagar para termos um guia. Ou então vemos por nós próprios, passamos pelas exposições e observamos como nós sabemos. Eu acho que devia haver alguém, um grupo de pessoas que soubesse aquilo, porque senão não se vão ver tantos pontos de vista, não se vão perceber. Depois vai sempre haver a questão de “eu fui ao museu mas não aprendi nada de novo porque ninguém me explicou”. Podiam não estar tanto tempo, não dizer tanta coisa, mas pelo menos dar mais explicações, do que nós só olharmos para a obra, porque às vezes não dá para perceber. Há museus que até podem ser interessantes para jovens e crianças, mas como não têm nenhuma atividade, não são

Melissa: Uma coisa muito gira é a estação de metro da Baixa que costuma ter exposições. Uma vez estava lá uma exposição de fotografia. Às vezes têm concertos... É quase como que do nada cai lá um museu durante uma tarde e depois volta tudo ao normal, e é giro porque as pessoas estão lá a passar no seu dia-a-dia normal e param. Principalmente os jovens. Eu, por exemplo, quando saí da escola fui lá ver as fotografias. Não é o mesmo que ir a um museu, mas já não é mau.

Isabel: Eu também gosto mais de coisas espontâneas do que coisas mais forçadas.

Melissa: No metro dos Restauradores montaram umas telas gigantes para os graffítters irem lá. E estão sempre a renovar aquilo, está bué giro.

Tiago: Eu acho que os museus tentam cativar inúmeras pessoas dando entrada grátis aos domingos de manhã e há pessoas que não têm muito dinheiro e têm um filho e gostavam que esse filho fosse culto e assim podem ir.

Rajón: Acho que um museu para fazer com que os seus visitantes se sintam mais interessados deve ter alguém a explicar. Ou mesmo que não seja alguém, por exemplo eu fui a um na Normandia sobre a II Guerra Mundial e aquilo tinha uns auriculares em várias línguas. Por exemplo, uma pintura tinha um número e ao clicar ouvia-se sobre essa pintura. E é preciso divulgação na net. Eu sei que os museus têm Facebook mas nunca lá fui pesquisar. Existem páginas que não são muito divulgadas. A página do Facebook também tem que mostrar interesse. Até pode ser com humor. Humor a falar de obras primas, ou de pintores, ou de escultores, arranjando formas em que olhássemos e publicássemos aquela frase ou aquela imagem.

Arya: Muitas das páginas de Facebook é o que está na wikipédia, acho que isso não é suficiente. Deviam falar para nós. Até podiam fazer ligações com a escola.

Rajón: Por exemplo, no cinema gosto de ver as falhas de gravação, porque, lá está, é o humor. Às vezes gosto mais de ver isso do que o filme.

Arya: Acho que os museus podiam divulgar a história de cada quadro. Atrás de cada quadro está uma história. Há histórias normais e histórias engraçadas. E é isso que cativa as pessoas. Acho que se os museus mostrassem as histórias e divulgassem coisas engraçadas acho que as pessoas tinham mais interesse. Os artistas são pessoas muito peculiares. Acabam por ser diferentes, ter histórias diferentes. O que eu gosto na arte é ver a história que ela tem, porque isso acaba por representar muito mais do que um quadro, ou uma escultura, ou uma música. Há muita arte contraditória. Por exemplo, o Êxtase de Santa Teresa tem uma história

muito ousada. A arte tem dois lados, as pessoas acabam por ser atraídas pelo que é diferente. Na altura, as grandes personalidades tornavam-nas santas e era giro ver que afinal eram pessoas como nós.

Que expectativas têm sobre a visita que vão fazer ao Museu do Chiado?

Maria: Eu era para ter ido ao Museu do Chiado estas férias e não fui porque aquilo estava fechado, fecha à segunda. Mas gostava de ter ido.

Afonso: O que é que esse museu tem?

(...)

Bruno: Espero que seja divertido, que seja interessante. O interesse desperta-se tendo coisas do presente. Eu acho que as pessoas de agora gostam mais de ver coisas do presente do que coisas mais antigas. Por exemplo, nós gostamos mais de ver um computador do que uma máquina de escrever, mesmo que o computador seja antigo, porque é mais perto de nós.

Afonso: Eu acho que depende de pessoa para pessoa, porque eu posso gostar de coisas mais modernas e tu mais antigas. O museu pode captar o interesse com coisas interessantes, mesmo com arte ou com coisas antigas, sobre reis e história. Coisas antigas, camas, banheiras...

Maria: Por exemplo, agora a arquitetura é diferente, tem outra aparência, isso é bonito, é giro. Eu prefiro a arquitetura de agora. O museu pode ser mais interessante se tiver coisas mais modernas.

Que expectativas têm sobre a visita que vão fazer à Casa das Histórias Paula Rego?

Isabel: Sobre a visita que vamos fazer, quero ver se concordo com o que a professora disse sobre as obras da Paula Rego. Estou curiosa.

Inês: Eu quero ver coisas novas que eu não tenha visto e conhecer mais coisas sobre ela.

Tiago: Eu já visitei, não vai ser novo para mim, mas gostei da primeira vez que lá fui, o próprio edifício é um lindo edifício, levem câmara fotográfica [risos]. Este museu é pequeno, portanto não vai cansar muito as pessoas e acho que vai

ser divertido, os quadros também estão muito organizados, aquilo teve um bom planejamento. Acho que vou gostar e espero que a turma também goste.

Melissa: O que eu mais espero é uma coisa que eu confesso que para mim é difícil encontrar nos museus, é chegar a um museu só de quadros e gostar. Confesso que sou um bocadinho mais por coisas palpáveis, como escultura... Não sei, a pintura não é uma coisa que a mim me diga muito, talvez seja um bocadinho diferente desta vez. Parece-me que a escultura é um bocadinho mais realista. É outra forma de ver, pronto.

Que expectativas têm sobre a visita que vão fazer ao Museu Berardo?

Diana: Vai ser giro porque vamos ver quadros.

Arya: Estou à espera de ver coisas em que fico a olhar e... “mas isto é arte? Eu consigo fazer isto”, mas também admito que estou ansiosa por ficarmos mais uma ou duas horas em Belém. Sair daqui.

Rajón: Queres é ir aos pastéis de Belém [risos].

Cláudia: Acho que vamos ver esculturas e pinturas, assim mais abstratas. Não sei, acho que não vai haver tema. Talvez haja um guia que explique a obra, quem a fez... Isso é muito importante.

Pedro: Acho que vamos ver obras de arte por todo o lado. Esculturas e outras obras.

Madalena: Vamos visualizar algumas obras e esculturas e aprender um pouco sobre quem as fez ou sobre o que é que representam. Às vezes é mais importante saber porque é que foi feita ou por quem é que foi feita, do que simplesmente olhar para ela e tentar perceber, porque há vários pontos de vista.

Pedro: É muito importante saber quem fez a obra, os materiais, e porque fez.

Leonor: Porque apesar de nós irmos com a professora de Educação Visual, ela sabe muito sobre estes assuntos, mas talvez uma pessoa do museu esteja melhor informada.

O que acharam da visita que fizeram ao Museu do Chiado? (Nesse dia, a professora aproveitou e, a seguir, levou a turma também ao MUDE - Museu do Design e da Moda).

Maria: Foi interessante, mas gostei mais do segundo museu. O primeiro acabou por ser muito denso. No segundo museu, estávamos à vontade e podíamos ver tudo o que quiséssemos. Podia demorar o tempo que eu quisesse a ver uma coisa que me interessasse mais. Estar a olhar para um quadro a ver as técnicas da pintura não me interessa muito.

Sofia: Foi muito interessante, gostei mais do primeiro museu, porque acho que tinha coisas mais giras, mas não gostei muito das explicações. Gostei dos dois museus, mas nós somos do 9o ano e eu acho que metade da turma não se interessa pela arte. E acho que os quadros escolhidos foram, digamos, pesados.

Maria: Eu não acho que os quadros fossem pesados, se a explicação não tivesse sido tão profunda, se calhar tinha sido melhor.

Bruno: O primeiro museu foi um bocado seco. Não estávamos à vontade. Foi muito tempo ali no átrio, comecei a desinteressar-me porque estávamos sentados. Podíamos ter conversado enquanto estivéssemos a andar.

Afonso: Não gostei do primeiro museu, só gostei do segundo. Para além de ter sido aborrecido, não tem a ver comigo, não gosto daquele tipo de arte. Por exemplo, a moda já me interessa mais, portanto preferi ver esse museu do que o de arte contemporânea. Gostei de ver os fatos das fadistas, gostei de saber quando é que foi o primeiro clip...



Bruno: Gostei mais do segundo museu, porque como não havia guia podia-se andar livremente. Gostei de ver as casas, o design de interiores.

Sofia: No início vimos aquele quadro da Viscondessa. São quadros um bocado antigos que têm mais a ver com história. Mas na segunda parte, quando descemos, na exposição temporária, já tinham quadros mais recentes. Gostei mais dessa parte. Até as cores eram mais vivas.

Maria: Gostei mais da exposição temporária do que da permanente. Eram obras mais recentes.

Bruno: As obras da exposição temporária interagiam mais com as pessoas. Gostei do trampolim.

Afonso: A exposição temporária tinha coisas que nos tocam mais agora. Os quadros da exposição permanente eram antigos, não me interessava muito. Agora a parte de baixo interessou-me mais. Lá em cima era tudo igual, quadros, pintura, quadros, pintura. Em baixo, não.

Maria: Eu acho que prefiro ver objetos em vez de quadros. Como no segundo museu, o clip, os fatos das fadistas...

Bruno: São objetos do dia-a-dia, por isso é que é interessante.

Afonso: Na exposição temporária eu não percebi bem aquele quadro... [risos e desconforto]. A senhora também não explicou. O José até disse 'fuck', pronto, que era supostamente a asneira [risos]. A senhora disse que era um calão que não se devia utilizar, ou uma palavra feia, e que tinham feito há não sei quantos anos atrás a dizer 'Love'. E aquele senhor fez a

dizer aquilo, expressou-se daquela forma. É uma provocação?

Maria: Eu pensava que era 'Fado'. Aquilo não é uma provocação, aquilo é uma asneira. Afonso: Mas é mesmo a asneira? Eu não tenho a certeza se é isso.

Maria: Será que é mesmo isso?

Sofia: Claro! pensavas que era o quê? 'Fado'?

Maria: Sim! [risos].

Bruno: Uma palavra assim não é vulgar ver num museu.

Afonso: Por isso mesmo, o artista também não ia fazer um retângulo, em vez de um quadrado, com a palavra ao comprido. Senão ainda tinha uma multa por escrever essas coisas.

Sofia: Qual multa? É arte! Não podes ser obtuso.

Sofia: Gostei daquela peça grande, com várias fotos da artista e o fundo em azul...



E também gostei daquela da exposição permanente que era pintado a preto e branco com um vidro à frente em preto e branco, tu andavas e aquilo movia-se.

Bruno: Também gostei desse. Aquilo era ilusão.



O que acharam da visita que fizeram à Casa das Histórias Paula Rego?

Tiago: Na Casa das Histórias, eu acho que a nossa guia era simpática e acolheu-nos bem, mas não deixava fluir a nossa imaginação. Naquela atividade do anjo em que nós tivemos que pintar, lembro-me que alguém do nosso grupo perguntou "mas isto é para fazer um retrato aproximado do anjo ou é só para pormos

as cores?” e a guia disse “não, não, não, é só para pôr as cores”. E eu senti que nós..., também não íamos fazer assim uma grande obra de arte, mas se nós pudéssemos pintar com mais detalhe acho que deixaria florescer a nossa imaginação e ficaríamos com melhor conhecimento.

Inês: Eu acho que foi um bocado a despachar. “Façam isto aqui”, mas acho que não explicou muito bem o porquê.



Melissa: Pelo menos a mim, não me cativou nada aquela atividade.

Tiago: A parte que eu gostei mais foi a das esculturas do Daniel Buren, impressas no papel. Essa foi a parte que eu gostei mais.

Inês: Essa foi a parte em que a guia explicou mais a história e explicou o porquê. E aquilo nem era da Paula Rego.

Tiago: Acho que a guia até explicou muito bem também aquela do homem-almofada. Isabel: Adorei essa parte.

Inês: Sim, eu também.

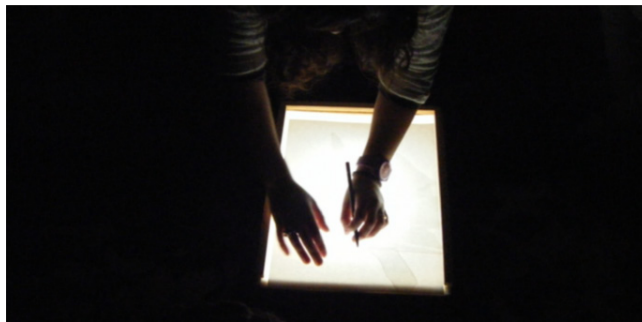


Tiago: E ainda demos a nossa opinião. Acho que foi a parte mais divertida para toda a gente, depois até fizemos um homem-almofada...

Inês: Foi a parte mais didática mesmo assim, porque foi mais aberta, a mensagem não foi tão estruturada. Nós aí vimos a

criatividade das pessoas, enquanto no papel tínhamos que pôr as cores que lá estavam.

Isabel: Também foste escolher o pior exemplo. O da caixa de luz foi super-giro. Não é por haver um momento desinteressante que a visita seja má.



Melissa: Não é por aí. Não acho que o da caixa de luz tenha sido assim tão giro. Mais giras eram as obras daquela artista.

Tiago: Eram mais giras porque eram diferentes, não tinha nada a ver com o resto do museu, não tinha nada a ver com o que nós conhecemos. Era peculiar.

Isabel: Eu achei que o edifício era muito moderno e que as coisas lá dentro não tinham nada a ver com o edifício. O edifício era todo moderno e muito alegre. Depois entrei e o conteúdo era assim mais triste, as cores, a forma como a Paula Rego fazia as coisas... Acho que o edifício, o exterior, não tem muito a ver com o que ela faz.



Melissa: Eu acho que é muito frio lá dentro, acho que não tem nada de acolhedor. Senti-me quase como a primeira vez que entrei na escola, é tudo muito grande, muito cinzento por dentro.

Tiago: É muito grande mas ao mesmo tempo é muito pequeno. Uma pessoa

entra dentro do museu e sente-se um bocadinho nervoso. A Paula Rego relata as coisas de uma maneira triste. Nós estamos lá dentro, os quadros estão todos à nossa volta, parece que nos estão a observar. Como o espaço é muito grande e os quadros ocupam as paredes todas, parece que nos estão a sufocar.

Melissa: Casas-museu é muito mais acolhedor. Não sei se é por ter lá as mobílias... as pessoas sentem-se mais acolhidas. Ali é tudo muito cinzento.

Tiago: Cascais é uma zona muito alegre, há muito sol, o edifício acho giro, por fora é muito giro, e por dentro entramos lá e vemos os quadros a olhar para nós... [risos].

Inês: Gostei muito da tapeçaria. Logo que entrei olhei para aquilo. Tinha curiosidade e fiquei com pena de não nos terem explicado o porquê daquilo. Não gostei muito do percurso, gostava de termos parado em mais obras, de nos terem mostrado mais.

Tiago: Nós estivemos lá duas horas, mas se tivéssemos visto mais alguma coisa, talvez a visita tivesse demorado mais.

Melissa: Um dia inteiro num museu? Naquele não passava.

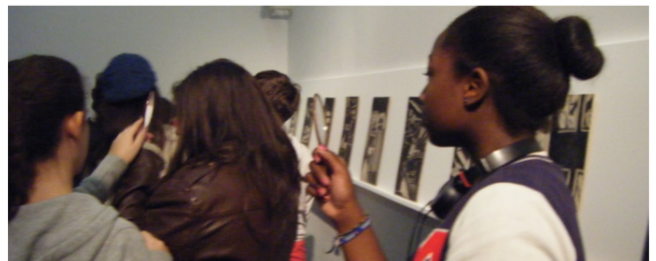
Tiago: No máximo, para mim, para lá estar são duas horas e meia, três. Gosto mais dos museus que têm mais atividades interativas. No Pavilhão do Conhecimento, aquilo é enorme e as exposições que estão lá são mesmo muito giras e eu sinto-me mesmo muito à vontade.

Inês: Quando eu fui ao Louvre passei lá um dia, tem mesmo que ser. No museu da Paula Rego acho que me iria aborrecer, mas uma vez fui a Madrid ver um quadro da Paula Rego. Gostei mais lá do que aqui, não sei porquê. Nunca prefiro a visita guiada, prefiro ver e se tiver alguma dúvida pergunto.

Isabel: Gosto muito mais de museus que têm coisas de história, por exemplo as múmias, passaria aí muito mais tempo. Gostava, gosto e gostei de ir ao museu da Paula Rego e gostava de ver mesmo o museu todo e passar por lá. Mas eu era capaz de ficar mais tempo num museu de outro tipo.

Melissa: Aquele museu não me disse quase nada. Gostei de alguns quadros, como 'o artista no seu ateliê', mas isso tem a ver comigo, pessoalmente. Achei o espaço muito vazio, muito abandonado, não havia nada para nos sentirmos acolhidos. Não acho que valha de muito destacar um quadro e depois as pessoas estarem incomodadas por sentirem frio. Estava frio. Não fazia mal nenhum haver umas réplicas, com a mesma técnica, para nós podermos tocar e sentir. Por exemplo, o anjo a mim não me parecia nada que tivesse sido pintado, parecia uma impressão. Ficámos a uma distância tão considerável que não dava nem sequer para ver a textura.

Inês: A atividade do espelho foi gira, eu gostei muito.



Melissa: Mas era suposto ficar uma imagem diferente quando tu olhas para o espelho. Para mim, não ficou. Não percebi.

O que acharam da visita que fizeram ao Museu Berardo?

Diana: Eu gostei da visita, a visita foi gira, vi quadros muito giros. Mas eu queria que nós pudéssemos ver mais quadros, assim sozinhos.

Arya: A visita surpreendeu-me muito mais do que eu estava à espera, pela positiva. Quando olhava para a arte contemporânea perguntava se aquilo era arte. Se não houvesse uma guia não íamos olhar da mesma maneira, não iríamos perceber. Acho que iríamos olhar mais para aquelas que usam a electrónica, que despertam mais a atenção dos jovens.

Diana: Antes de termos a visita de estudo a stôra de história disse-nos que havia lá um quadro só com uma pinta no meio, e nós quando estivemos lá não o vimos. Porque aquilo muda. Não sou muito apreciadora de arte, pensei que aquilo não tinha muito a ver comigo, porque não faz parte da minha maneira de ser, não sou muito de

ver essas coisas. Mas é bom ir ver essas coisas, porque há quadros giros e coisas interessantes para ver mas que não é o meu gosto, não me identifico. A maioria dos artistas são ingleses, americanos, mas vi um português lá no museu. Devia haver mais variedade de países, são sempre os países mais conhecidos.

Rajón: Portugal não investe, mas não é só na arte. Se os nossos artistas estivessem na América eram muito melhor considerados.

Arya: Portugal não investe muito na arte. Gostava de ter visto o que Portugal faz, gostava de me orgulhar do que é nacional.

Rajón: O museu não tem muito a ver comigo. Eu não sou muito dessas coisas de arte, não condiz com a minha personalidade. Fotografia já gosto um pouco mais. De tudo ali aquilo com que eu me identifico mais é com fotografia. Para mim um museu deveria ter arte musical. E também gosto de cinema. Os vídeos foi o que mais gostei.



Arya: O que é diferente acaba por atrair. Eu gostei mesmo, não sei explicar. Fiquei chocada com aquela obra dos projetores, pensei muito nessa obra, fiquei com pena do artista. Não que me identifique, mas já tive aqueles sentimentos, como toda a gente já os teve. Já me quis esconder das pessoas, já me senti observada, também já observei, já critiquei, já fui criticada, e identifiquei-me nesse sentido.



Rajón: Foi uma experiência interessante, umas coisas gostei mais que outras, o que eu gostei mais foi aquela da guerra, pelo mistério. Também gostei daquela mulher que estava lá a gritar à toa, achei muito diferente.

Arya: Gostava de ter visto mais, acho que foram poucas obras. A hora e meia que passámos lá pareceu muito mais curta. Se calhar também foi pela guia, não cheguei a estar com outra guia, esta cativou-nos muito.

Cláudia: Eu achei que a visita foi interessante, aprendi que as pessoas têm opiniões diferentes. Só que eu acho que podíamos ter visto mais coisas. A senhora explicou muito cada obra.

Pedro: Só vimos 6 obras e algumas delas foi assim superficialmente.

Cláudia: Mas depois outras, como a do vidro, foi muito tempo.

Leonor: Não, a do vidro nem foi a que demorou mais, a que demorou mais foi a das fotografias.



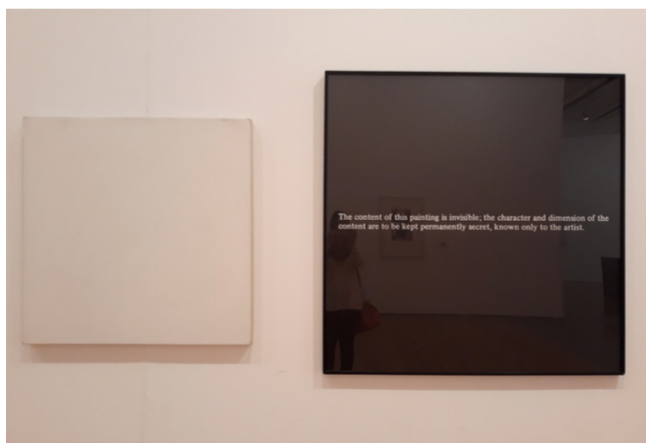
Pedro: Mesmo no final não percebi muito bem aquilo, a das fotografias. Achei um bocado estranho. Quero dizer, as outras, depois da explicação, ok, percebe-se o que é, mas a das fotografias... não percebi. Dizer que aquilo é arte...



Madalena: Não é arte? Isso foi o que achei do cato, muito mais do que achei das fotografias. O cato, tiraram uma foto a um cato e é o que a gente diz “isso também eu fazia”. Eu acho que a obra das fotografias do Alberto Carneiro era uma obra mais interessante, tinha mais história por trás.

Leonor: Toda a gente pensa que a arte é tipo uma coisa só quadros, esculturas e nada mais abrangente que isso. Há também muito à base de ideias e da originalidade...

Cláudia: E aquele que não tinha nada escrito na tela? Esse era tipo completamente estúpido.



Madalena: Não, não era não. Para ti era estúpido. Era como se fosse um vazio. E tinha um letreiro ao lado que dizia “esta imagem é toda branca porque depende do que o observador veja”.

Leonor: Devem ter comprado a tela e posto na parede.

Cláudia: Estava lá escrito na legenda que eles pintaram de branco.

Madalena: Também podes dizer “ah, eu já pensei nisso” mas não foste tu que fizeste.

Pedro: Oh, eu também comparava a tela e punha ali.

Leonor: Eu gostei, já lá tinha ido, mas já foi há algum tempo. Ok, não vimos muitas coisas mas aquilo que vimos acho que saímos de lá com outra ideia do tipo de obras e como é que podemos pensar sobre cada uma, se bem que isso é uma opção de cada pessoa. Acho que também seria interessante nós termos ficado ou mais tempo a ver mais coisas ou então reduzir um pouco o tamanho da explicação de cada obra para também termos oportunidade de ver outras coisas. Mas foi engraçado. Reparei que não vimos a obra de nenhuma mulher artista. Talvez no museu houvesse obras de mulheres, mas uma pessoa fica sempre a pensar “mas porque é que escolheram só estas obras que foram os homens que fizeram”, não é que eu tenha nada contra homens, muito pelo contrário, mas às vezes é um pouco injusto, porque estamos todos habituados a ouvir que os homens são os melhores a trabalhar, os melhores pintores, os melhores chefes de cozinha, os melhores na política, os melhores em tudo, mas também acho que é um pouco por as mulheres não se mostrarem tanto nem terem tanto desejo de se mostrarem. E há até aquelas mulheres que já se conformam com o facto de não se mostrarem aos outros, não mostrarem também que as mulheres têm talentos e direitos e para além de se conformarem ainda criticam aquelas que tentam sobressair, que tentam mostrar o seu ponto de vista e também fazer alguma frente às outras pessoas...

CONCLUSÕES

A relação que os jovens têm com a arte prende-se, à partida, com o juízo de gosto. A apreciação estética do tipo “gosto” ou “não gosto” só é aprofundada para outro patamar após a visita ao museu que tenha permitido a compreensão do significado da obra, potenciada pela educadora de museu. Apesar de não constituir uma prática recorrente, os alunos vão com as suas famílias, nomeadamente nas férias de verão, visitar exposições de temas diversos, onde incluem a arte. O conceito de museu é, para os jovens, o de repositório, reproduzindo a ideia da importância da preservação de objetos histórico-patrimoniais. Em geral, os jovens interessam-se por museus se os temas também lhes interessarem. Pode-lhes interessar também a arquitetura e podem ainda identificar os museus como espaços de lazer, embora o tenham expressado apenas em relação a museus

estrangeiros. Alguns jovens identificam o presente como um dos temas de interesse. Significa que se interessam mais por obras de arte ou objetos que digam respeito ao tempo presente, ao tempo em que os jovens agora vivem. São também sensíveis à invulgaridade da arte e à provocação que esta possa suscitar. Em primeira instância, identificam a arte, contemporânea ou outra, com pintura e escultura. Não obstante, as visitas aos museus contribuíram para uma ligeira alteração destes pressupostos.

Os jovens questionam a legitimidade das decisões sobre os objetos ou obras que figuram nos museus. Apesar de a maioria dos jovens entrevistados valorizar os “grandes artistas” clássicos e relacionar a arte com um “talento” natural e com o “ser diferente”, também questionam os critérios dos museus nas escolhas das obras que os integram, valorizando o que chamam de “arte de rua”, como os graffitis ou a topiaria, que não têm lugar nos museus. Identificam a arte também como algo que representa um mercado especulado e são capazes de valorizar mais a forma visual/estética ou a mensagem do artista. Pontualmente, criticaram a falta de representação de mulheres artistas e a falta de informação sobre as obras. Em geral, criticam as restrições das regras dos museus, que controlam os seus comportamentos, mas a maior parte considera que o museu é um lugar onde se aprende e onde ver o original já é uma oportunidade significativa.

Alguns jovens criticam a impossibilidade de interação dos museus de arte, preferindo, por isso, os de ciência, que contêm peças em que podem tocar. Outros ainda, interessam-se pelo significado das obras, razão pela qual defendem a possibilidade de apreender esses significados através de uma comunicação apelativa, baseada no humor, nas histórias “por detrás” das obras e nas atividades lúdicas. Como não identificam estas estratégias com as visitas a museus, creem por vezes que os museus são locais de aborrecimento.

A presença das educadoras de museus representa, para os jovens, um duplo sentimento. Por um lado, valorizam as suas explicações e reconhecem a importância da sua presença, sem a qual não compreenderiam as obras. São também sensíveis à empatia que a educadora deve criar com eles. Por outro lado, podem discordar do seu discurso, por conter demasiadas interpretações pessoais e, assim, prescindir da sua presença sem um ritmo nem um percurso imposto, que não lhes deixa espaço à subjetividade. Por vezes consideram as visitas demasiado longas, embora aleguem, ao mesmo tempo, que viram menos do que gostariam de ter visto. Significa que o percurso da visita é definido pela educadora de museu e, ainda que os alunos manifestem interesse em abordar obras diferentes das do percurso, essa possibilidade é inviabilizada.

As reações negativas a uma visita revelaram-se, pontualmente, nesta investigação. Alguns jovens alegaram que um museu pode ser intimidante e pouco acolhedor, não

tendo conseguido criar empatia com a educadora. Os jovens também consideram que as regras de controlo dos museus são impositivas. Apesar de nem todos as questionarem, a maior parte vê nas regras uma necessidade pela proteção das obras. Contudo, alguns também consideram que as regras inibem e incomodam, chegando a demover a vontade de visitar museus de arte. Vários não concordam com a imposição de silêncio.

No que respeita à relação com as atividades propostas pelas educadoras de museu, os jovens tanto consideram que há algumas atividades cativantes, como consideram que outras não têm interesse, quer por resultados insatisfatórios, quer pela crítica aos objetivos das atividades. Contudo, neste aspeto não concordam sempre uns com os outros.

As motivações dos alunos para acederem ir a uma visita de estudo são várias e não estão relacionadas com o museu, o tema ou a coleção. Prendem-se antes com a necessidade de sair da escola para fugir à rotina, pelo desejo de convívio e socialização e, na maior parte dos casos estudados, como pretexto para faltar às aulas. Há também um horizonte de expectativa de que haja uma aprendizagem lúdica e apelativa.

Na maior parte dos casos, os jovens identificam a arte contemporânea como algo incompreensível ao qual é difícil aceder, pelo que se limitam a fazer uma apreciação estética das obras. Os jovens conferem ao significado da obra uma importância fulcral, pelo que, se compreenderem a obra, são capazes de tecer considerações críticas. Também na maior parte dos casos os jovens identificam a compreensão da arte contemporânea como uma aprendizagem que permite o aprofundamento do olhar e a constatação de que existem diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema.

Os jovens reclamam por atividades mais dinâmicas, com maior nível de participação, como o contacto com obras mais participativas ou a possibilidade de não seguir o guião da educadora de museu. Comparam a prática dos museus à prática escolar, onde a personagem que representa o conhecimento – professora ou educadora – explica, seguindo um guião inflexível, enquanto eles escutam. As estratégias para uma aprendizagem efetiva estão também muito ligadas ao estilo docente, já que um estilo delegante pressupõe por exemplo a partilha de poder, enquanto um estilo acadêmico não considera por exemplo que aprender é distinto de pessoa para pessoa. Os alunos valorizam estratégias mais participativas que nem sempre a escola está preparada para permitir e às quais poucas vezes os museus estão abertos. A aprendizagem conjunta e colaborativa é uma prática pouco explorada que traz benefícios importantes para a aprendizagem, assim as professoras e os serviços educativos dos museus estejam na disposição de valorizar as subjetividades dos alunos, proporcionando-lhes momentos de questionamento que

sejam providos de sentido, ou seja, importantes para as suas vidas.

Referências

Acaso, M. (2013). *Reduvolution: hacer la revolución en la educación*. Barcelona: Paidós.

Aguirre, I. (2005). *Teorías y prácticas en educación artística*. Barcelona: Octaedro.

Duncan, C. (2004). *Rituales de Civilización*. (Ana Robleda, trad.). Murcia: Nausicaa. (Obra original *Civilizing Rituals*).

Inside Public Art Museums. publicada em 1995).

Dyshte, O., Bernhardt, N., e Esbjørn, L. (2013). *Dialogue-Based Teaching: The art museum as a learning space*.

Copenhagen: Skoletjenesten.

Giroux, H. (2008). "Introducción: Democracia, educación y política en la pedagogía crítica". In McLaren, P. and

Kincheloe, J.L. (eds.). *Pedagogía Crítica: De qué hablamos, dónde estamos*. Barcelona: Graó. Pp.17-22. Hernández-Hernández, F. (2012). *Experiencies de Relació dels Infants i els Joves amb l'art Contemporani a l'escola i al*

Museu. In *Arts, Educació i Interdisciplinarietat: els Projectes, Punt de Trobada entre Museus i Escola*. Tarragona:

Museu d'Art Modern de la Diputació de Tarragona. Pp. 21-33.

Huerta, R. (2011). "Maestros, museos y artes visuales: construyendo un imaginario educativo". *Arte, individuo y sociedad*, ISSN 1131-5598, Vol. 23, No 1, 2011 , págs. 55-72 - Fundación Dialnet

Ibáñez, T. (2001). *Municiones para Disidentes – Realidad-Verdad-Política*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Lorente, J. P. (2011). "El fin del canon moderno y la instauración de otros discursos museográficos". In Guerrero, T. and

Ortega, N. (dir.). *Museos y Territorio No4*. Malaga: Área de Cultura del ayuntamiento de Málaga & Fundación

General de la Universidad de Málaga. Pp. 124-132.

Oliveira, G. (2009). "The partnership between a museum of modern and contemporary art and a school: a relationship between artists/pupils/teachers". (paper). III Congrès D'Educació de les Arts Visuals - Per Un Diàleg Entre Les Arts. Barcelona 2009.

Oliveira, G. (2010). "Educação nos museus de arte moderna e contemporânea portugueses: um lugar no feminino?" in Alice Semedo e Elisa Noronha (coord.). *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua*

Portuguesa e Espanhola. Oporto: Faculdade de Letras, Vol. 2, P. 193-206.

Shelton, A. (2011). "From antropology to critical museology and viceversa". In Guerrero, T. and Ortega, N. (dir.). *Museos y Territorio No4*. Málaga: Área de Cultura del Ayuntamiento de Málaga & Fundación General de la Universidad de Málaga. Pp. 30-41.

Steinberg, S. (2008). "Prólogo: De qué hablamos, dónde estamos". In McLaren, P. and Kincheloe, J.L. (eds.). *Pedagogía Crítica: De qué hablamos, dónde estamos*. Barcelona: Graó. Pp.13-15.

Triggs, P. e Wishart, J. (2010). *MuseumScouts: abordagens inovadoras ao ensino e à aprendizagem abrangendo museus, tecnologia interativa e trabalho de equipa - Um guia para professores e tutores*. University of Bristol: The Partners, MuseumScouts, Comenius 2.1. European Project. Available at http://museumsscouts.org/Handbooks/PT/091209_MS_Handbook_part1_PT_online_v01.pdf

Vásquez, R. e Angulo, F. (2003). *Introducción a los Estudios de Casos: Los primeros contactos con la Investigación Etnográfica*. Granada: Aljibe.